

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: A DISCRIMINAÇÃO ENTRE OS FALANTES DE UM MESMO IDIOMA

Daniela dos Reis Mota¹
José Carlos Cecopierre Roldan Júnior²
Suzane Alves da Silva³
Maycon Douglas Pereira de França⁴
Vanessa Nunes da Silva⁵

RESUMO

Sabendo que linguagem é um dos principais meios de manutenção da vida social, pois é responsável pela comunicação e interação entre os indivíduos o presente artigo teve como objetivo investigar os motivos do preconceito linguístico ainda existir, principalmente nas regiões de classe baixa, o mesmo discorrerá sobre tal situação vivenciada por pessoas de diferentes regiões. Para auxiliar foram especificadas três ações: analisar por que esse preconceito se dissemina principalmente nas escolas; investigar como as variações da língua podem ajudar para que esse preconceito ocorra; examinar por que esse tipo preconceito ainda acontece em um idioma tão diversificado como o português. Considerando a temática trabalhada, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário, feito pelos autores do artigo, com cinco perguntas abertas. Participaram seis pessoas, sendo cinco pessoas que nasceram e cresceram em outro estado vieram morar na cidade de Balsas-MA e uma que nasceu e cresceu na cidade. Os participantes do questionário foram selecionados por acessibilidade e por causa da pandemia do vírus COVID-19, o questionário foi aplicado via *on-line*. Após a aplicação do mesmo todas as respostas foram coletadas e os dados tabulados e analisados, com auxílio de autores que abordavam a temática para melhor compreensão das respostas e as experiências vividas por essas pessoas.

Palavras-chave: Preconceito linguístico; Variação linguística; Discriminação.

INTRODUÇÃO

A linguagem é um dos principais meios de manutenção da vida social, pois é responsável pela comunicação e interação entre os indivíduos. Também pode funcionar de forma negativa e se tornar uma das ferramentas do isolamento social. O viés da língua no Brasil é muito óbvio, por isso é necessário entender que existem muitas variantes da língua, e uma delas não deve ter mais prestígio que as outras.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, reis1342@gmail.com;

² Graduando do Curso de Matemática da Universidade Estadual do Maranhão, joserodan695@gmail.com

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, suzanealvss@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, maycondhouglas13@gmail.com;

⁵ Mestre em Educação da Universidade Estadual do Maranhão, vanessanead@hotmail.com.

É importante destacar que embora todos os brasileiros sejam falantes nativos do português, ela apresenta algumas particularidades no contexto da região, da época, da sociedade e da história. Isso significa que o idioma está em constante mudança e o responsável por isso é o próprio sujeito, independente de sua classe social ou nível de escolaridade. Fernando Tarallo (1994, p. 11-2) entra em concordância com a fala acima quando diz que:

A diversidade linguística imprime uma condição especial à modalidade falada, porque a língua carrega as variações condicionadas por inúmeros fatores que, por sinal, são excepcionalmente mais sociais e culturais do que propriamente linguísticos, tais como: a faixa etária, o gênero, a situação socioeconômica, o grau de escolarização, etc.

No Brasil, um país de extensão territorial e multiplicidade cultural significativa acontecem porque, tendo em vista que a função primordial da língua é a comunicação, os indivíduos se expressam de acordo com a necessidade da interação social. Uma vez que essas variações visam à comunicação, jamais deveriam ser consideradas como erros. Ao apontarmos essas alterações como erro, estamos cometendo o que chamamos de “preconceito linguístico”.

Segundo Marcos Bagno na revista Glossário Ceale* da Universidade de Brasília-UnB “O preconceito linguístico resulta da comparação indevida entre o modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas e nos dicionários e os modos de falar reais das pessoas que vivem na sociedade, modos de falar que são muitos e bem diferentes entre si”.

Para combater o preconceito linguístico é necessário entender e saber explicar que, assim como diversidades físicas e comportamentais, existe também a diversidade linguística e assim como as outras deve ser respeitada. A língua é dinâmica e está sujeita a inúmeras variações. Essa peculiaridade de todo e qualquer idioma é o que chamamos de variação linguística, que está sujeita ao contexto no qual os falantes estão integrados, como já foi mencionado anteriormente.

A pesquisa teve como objetivo investigar os motivos do preconceito linguístico ainda existir, principalmente nas regiões de classe baixa, para isso foram especificadas as seguintes questões: analisar por que esse preconceito se dissemina principalmente nas escolas; Investigar como as variações da língua podem ajudar para que esse preconceito

ocorra; Examinar por que esse tipo preconceito ainda acontece em um idioma tão diversificado como o português.

METODOLOGIA

Partindo dos conceitos apresentados, o trabalho discorrerá sobre tal situação vivenciada por pessoas de diferentes regiões, compreendendo todo esse processo, assim como a importância que possuem para a construção social. Para isso, será necessária uma pesquisa bibliográfica. Define Sousa (2021, p. 03) “A pesquisa baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado”.

Com abordagem qualitativa, assim o método de pesquisa escolhido favorece uma liberdade na análise de se mover por diversos caminhos do conhecimento e a versatilidade de estudar os problemas a partir da perspectiva dos próprios sujeitos de pesquisa. Assim, é possível ter uma visão ampla e acessível sobre a compreensão de determinados fenômenos.

No total participaram seis pessoas do questionário, sendo cinco pessoas que nasceram e cresceram em outros estados, assim vivendo em um outro contexto, cultura e costumes, mas que vieram morar na cidade de Balsas-MA e que se encontraram em uma cultura totalmente diferente, onde se depararam com uma certa resistência em se socializar no novo grupo que se encontravam. Foi selecionada uma pessoa dos estados de São Paulo, Pará, Paraná, Brasília e Piauí. E uma pessoa selecionada de Balsas-MA que nasceu e cresceu na cidade, para mostrar que mesmo uma pessoa que convive na mesma sociedade pode sofrer com o preconceito linguístico dependendo do grupo social que foi criada.

Os participantes do questionário foram selecionados por acessibilidade, pelos autores terem conhecimento de pessoas de outros estados que residiam na cidade há um bom tempo. Foi aplicado um questionário, feito pelos autores do artigo, com cinco perguntas abertas, com o intuito de dar mais liberdade para o entrevistado em poder expressar sua opinião sem ter que se limitar a uma resposta pré-determinada. Devido a pandemia do vírus COVID-19, o questionário foi aplicado via *on-line*, pela plataforma *GoogleForms*, onde foi fornecido o link para os participantes.

Depois da coleta os dados foram tabulados e analisados, com auxílio de autores que abordavam essa temática para melhor compreensão das respostas. Por questões de ética para preservar a identidade ao longo do artigo as respostas dos participantes serão identificadas com o nome do Estado em que nasceram: São Paulo, Pará, Paraná, Brasília, Maranhão e Piauí.

O objeto do questionário, portanto, não fornecerá somente respostas as perguntas específicas ou mesmo testes de hipóteses, mas compreenderá outras pessoas e suas experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, a mesma, inevitavelmente, sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Um tipo de interação social e tecnologia de penetração mútua em várias aplicações ricas em informações, capaz de romper o isolamento de grupos, indivíduos e sociedade, o pluralismo da voz e a distribuição democrática da informação.

A língua portuguesa no Brasil passou por diversas modificações ao longo dos anos, com isso foram surgindo gírias e dialetos que variavam de estado para estado, por questão cultural esses dialetos acabam se tornando um português “incorreto” e logo é associado as classes baixas pelo motivo de que essas classes tem menos oportunidades de acesso ao estudo de qualidade.

Com o estudo feito após o questionário aplicado, todos os dados foram tabulados e analisados para entender melhor a temática trabalhada. Obtivemos os seguintes dados.

Tabela 1 – Primeira questão

Questão	Estado	Resposta
1º Você já sofreu preconceito linguístico? Como aconteceu?	São Paulo	Sim. De início eu sofria preconceito, muitos me zombaram por causa do meu sotaque, era bem zoadado por isso e por expressões do cotidiano que eu utilizava. O pessoal da escola ficava me zombando achando que eu não sabia falar direito, mas eram só expressões do cotidiano como, por exemplo, aqui pra vocês é

		corretivo pra mim é “erroréx”, pincel é caneta porosa e isso é normal pra mim de São Paulo.
	Piauí	Sim, já sofri. Aconteceu ainda na minha infância, pela presença de pronúncia do sotaque de outra região na minha fala.
	Paraná	Sim, porque sou filho de nordestino que nasceu no Sul e fiquei com um "sotaque" nordestino pela influência paterna e isso era motivo para piadas. Quando cheguei em Balsas (início de 2018) descobri que aqui meu "sotaque" (modo de falar, costumes) seria "sulista" e, especialmente nos primeiros meses, havia uma dificuldade de comunicação. A minha convicção pessoal hoje é que o preconceito linguístico ocorre quando o indivíduo apresenta alguma diferença com o meio social em que ele está inserido.
	Brasília	Sim
	Pará	Sim, quando cheguei ao Maranhão no 1º ano do ensino médio meus colegas de classe me zoavam muito quando eu falava palavras com S no final, pois eu chiava um pouco mais (isso é normal no Pará e Rio de Janeiro). Chamavam-me de panela de pressão e diziam que era feio demais eu falar assim. Deixei de ler e apresentar trabalho várias vezes por conta disso.
	Maranhão	Sim. Aconteceu na escola, no ensino fundamental. Por eu passar boa parte do meu tempo livre com minha tia que não teve muita oportunidade de estudos aprendi a falar

	<p>algumas palavras de forma “errada” e repeti-las na escola e com isso meus colegas de sala debochavam do jeito que eu falava essas palavras.</p>
--	--

Fonte: elaborada pelo autor

Com isso, a partir dos resultados alcançados pôde-se perceber que dos seis participantes entrevistados, três deles sofreram com o preconceito linguístico no ambiente escolar pelos próprios colegas de sala. O mesmo pode ocorrer também por professores que muitas vezes não sabem corrigir/ensinar a forma correta ou entender que existem diferentes dialetos. Como exemplos têm uma tirinha de Mauricio de Sousa que retrata essa ideia:



Fonte: Sopa de letras, 2012.

Nesse sentido, a gramática normativa e suas regras não devem ser ignoradas por serem a base da sustentação do idioma, é reconhecido que todas as variantes são inerentes ao mesmo. Para Marcos Bagno (2004, p. 26):

No que diz respeito ao ensino do português no Brasil, o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais de cento e setenta anos de independência política, continua com os olhos voltados para a norma linguística de Portugal. As regras gramaticais consideradas “certas” são aquelas usadas por lá, que servem para a língua falada lá, que retratam bem o funcionamento da língua que os portugueses falam.

O ensino do português no Brasil ainda é considerado um problema porque consiste na obrigação de termos de memorizar conceitos e fixar regras como visto na tirinha a cima, a professora tentou corrigir Chico mostrando para ele a forma correta de se falar, segundo a norma padrão, desconsiderando a sua origem e o grupo social que está inserido.

Tabela 2 – Segunda questão

Questão	Estado	Resposta
2º Como você lidou com essa situação?	São Paulo	De início eu ficava muito chateado, não gostava e até tinha reclamado com a minha mãe que eu queria voltar e que não aguentava mais ficar aqui, o pessoal só ficava me zombando pelo meu jeito de falar. Só que depois de um tempo comecei a aprender a lidar com isso e aprendi a não ligar mais, se eu falava alguma coisa e eles me zombavam só virava as costas e ia embora.
	Piauí	Nos primeiros casos eu lidei de forma receosa pelo excesso de admiração das pessoas ao me ouvirem falar, despertando então um elevado grau de timidez. Com o decorrer do tempo eu absorvi de forma mais positiva e nos dias atuais já não me causa problema algum.
	Paraná	No Sul levava com bom humor pois não entendia aquilo como um preconceito, mas como uma brincadeira. De mau gosto, mas uma brincadeira. Só fui entender o preconceito linguístico no curso de pedagogia e aqui
	Brasília	Guardei o sentimento de tristeza, não compartilhei com ninguém apenas ouvi.
	Pará	Pelo fato de eu não conhecer ninguém na Escola foi muito difícil no começo, eu tentava não ligar, porém sempre ficava chateada com a situação. Hoje em dia eu perdi muito meu sotaque.
	Maranhão	Acabei me retraindo e ficando com vergonha de fazer uma pergunta ao professor ou me

		expressar por medo de falar errado e acabarem debochando novamente.
--	--	---

Fonte: elaborada pelo autor

Com o questionário aplicado, mesmo que com uma quantidade pequena de participantes, foi possível perceber que essa forma de preconceito pode ocasionar a desistência de alunos na escola. A variação e o preconceito linguístico são assuntos que podem e devem ser tratados de modo mais intenso, principalmente dentro das salas de aula por ser um local que se encontram pessoas de diferentes culturas e de diferentes regiões. Então nesse caso, pode-se defender a idéia de que não existe o falar errado, mas existe lugar e hora certa para se usar uma linguagem informal.

Em uma entrevista cedida a Revista Presença Pedagógica Bagno (2008, p. 10) ressalta que, o primeiro passo, para combater o preconceito linguístico na escola é:

[...] o professor assumir que não é falante desse português idealizado e que os seus alunos também não serão, porque, na verdade, ninguém é. É fundamental que o professor reconheça sua própria fala como uma atividade social, como uma manifestação legítima da língua e, principalmente, passe a associar a discriminação que é feita por meio da linguagem com as discriminações que são feitas na sociedade [...].

Percebemos na fala de São Paulo quando ele cita os exemplos do erroréx que aqui no Maranhão é conhecido como corretivo e o pincel que na região dele é chamado de caneta porosa. Durante a fala dele percebemos que ele sofreu preconceito linguístico por causa da variedade de palavras que o mesmo utilizava que não eram usadas no Maranhão e essa situação poderia ter sido diferente se o docente tivesse mostrado aos alunos que não existe apenas uma forma correta de se falar e que no cotidiano uma palavra poderá ganhar inúmeras variações dependendo da região.

Tabela 3 – Terceira questão

Questão	Estado	Resposta
3º Para você, qual a maior dificuldade na língua portuguesa?	São Paulo	Literalmente tudo, se você for ver o nosso idioma tem muitas regras e pra você construir uma frase, meu Deus, vem sujeito, verbo, predicativo, pronome e pra você saber colocar certinho e muitas vezes uma letra ou até uma coisinha ou outra muda e pra mim, no meu caso, a maior dificuldade foram às palavras

		com SS, CH, X, Ç porque eu nunca me dava bem com elas e também ficava muito na dúvida de saber qual é, porque a fonética delas são muito similares, então eu ficava na dúvida qual letra usar, como é que se escrevia elas e por isso tinha que recorrer para dicionários, Google, essas coisas.
	Piauí	A maior dificuldade na língua portuguesa a meu ver é as suas variantes e a introdução em massa de gírias por parte da população na pronúncia cotidiana, influenciando diretamente em uma ortografia deficiente.
	Paraná	Saber as regras de gramática. Tenho real dificuldade com isso e resolvi isso por intermédio de leitura. Sei mais de grafia das palavras do que o porquê daquela grafia.
	Brasília	Os significados infinitos de algumas coisas dependendo da região.
	Pará	Um pouco de gramática
	Maranhão	As regras gramaticais e palavras iguais com vários significados.

Fonte: elaborada pelo autor

Para Pereira, Carvalho e Santos (2019) o ensino da gramática considera somente as normas padrão do português, desvalorizando as variáveis menos beneficiadas e que a língua portuguesa além de valorizar as normas deveria considerar todo entendimento prévio dos alunos.

Percebe-se que as seis respostas citam a dificuldade que a grande quantidade de variantes e uma gramática difícil ocasionam e isso acaba, como citado pela participante do Piauí, “influenciando diretamente em uma ortografia deficiente” e ocasionalmente esse preconceito linguístico por parte de algumas pessoas. É importante que o professor ensine a forma padrão da língua portuguesa para os alunos, pois irão utilizar em vestibulares, entrevistas de emprego, reunião entre outros.

Tabela 4 – Quarta questão

Questão	Estado	Resposta
4° Se você pudesse escolher outro idioma para estudar qual seria? Por quê?	São Paulo	Espanhol, eu acho muito interessante a questão de fala lá ser bem parecida com a nossa, e em questão de algumas regras e acentuações eu gostava mais dele (espanhol).
	Piauí	Se eu pudesse escolher outra língua pra ser estudada no Brasil atualmente seria o inglês, por ser uma língua universal e possuir maior número de falantes.
	Paraná	O inglês. Por ser a língua que predomina na cultura, no comércio e nas principais mídias em contexto mundial.
	Brasília	Inglês. Por que gosto do idioma
	Pará	Inglês por ser uma língua universal.
	Maranhão	Inglês por ser uma língua universal, que predomina tanto no comercio quanto no turismo.

Fonte: elaborada pelo autor

Ortiz (2006) defende a ideia de que uma língua se torna global por influência política, militar, mas que é fundamental um poder econômico. É notável o interesse de cinco dos seis participantes pelo inglês por ser o idioma mais falado no mundo, principalmente em transações comerciais se tornando uma língua universal por isso é importante que o discente domine uma segunda língua como o inglês, assim é de suma importância ser ensinado em todos os lugares para tornar a comunicação mais fácil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações de entrevistas realizadas, foi possível detectar que o preconceito linguístico engloba aspectos bem mais amplos do que imaginamos. E que se faz necessário aplicar conceitos que visem ampliar a visão das pessoas para que entendam que a língua é dinâmica e está sujeita a diversas variações.

Esse artigo possibilitou conhecer de forma mais aprofundada histórias de vida analisadas sobre abordagem do preconceito e a forma como cada um conseguiu lidar

com essa situação. Portanto, contribuindo de forma extremamente aceitável em processo de desconstrução desse paradigma que é tão presente na sociedade.

Compreender que existe tanta diversidade e que isso é o que torna os seres humanos mais atraentes e especiais é uma libertação humana muito satisfatória. As possibilidades através de um novo olhar só aumentam e estabelecem laços fortes, capazes de apreciar a cultura do outro sem preconceito. Em suma, a língua compreendida como interação social deve ser valorizada respeitando as diversidades de expressão.

A língua é baseada na realidade do falante e da sociedade em que ele vive. A gramática existe para descrever o funcionamento da linguagem e não para dizer como ela deve ser.

O indivíduo consciente do que é a variedade linguística teria melhores condições de pensar racionalmente sobre os vários papéis sociais e linguísticos de cada sujeito dentro da sociedade. Assim, compreendemos a importância da formação continuada dos professores, por exemplo, que através de estudos e especializações, podem acessar as habilidades para a difícil tarefa de fazer o falante enxergar a riqueza sociocultural de sua própria língua.

Espera-se que, através dos estudos linguísticos, a diversidade e as variações possam ser finalmente compreendidas e que essa consciência possa erradicar o preconceito com relação aos usos da língua, nos mais diversificados contextos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico.** *Revista Presença Pedagógica.* V. 14, n. 79, jan./fev. 2008.

ORTIZ, Renato. **Mundialização: saberes e crenças.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA, Adenilza Andrade; CARVALHO, Fabian Silveira de; SANTOS, Lícia Fabiana Sá. **Gramática e o ensino de língua: as dificuldades de aprendizagem da língua portuguesa.** Universidade Tiradentes – UNIT. Sergipe, Brasil. 2019.



RODRIGUES, Thaís. **Pluralidade Cultural**: "a fala e o preconceito linguístico". 2012. Disponível em: <https://sopadeletrasunip.blogspot.com/2012/10/pluralidade-cultural-pluralidade.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L H. **A pesquisa bibliográfica**: princípios e fundamentos. Cadernos da FUNCAMP, v.20, n.43, p.64-83/2021.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994

IALAGO, Ana Maria; GERAES Duran, MARILIA Claret. **Formação de professores de inglês no brasil**. Revista Diálogo Educacional, vol. 8, núm. 23, enero-abril, 2008, pp. 55-70 Pontifícia. Universidade Católica do Paraná. Paraná, Brasil.

PRECONCEITO linguístico. Glossario Ceale. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>. Acesso em: 02 mar. 2021.